

A LENDA DA FELICIDADE SEM FIM

*Ulrich Plenzdorf*¹

Por essa época Laura tinha proposto que finalmente se casassem. Paul tinha contado com isso mais cedo ou mais tarde e também tinha à mão uma frase que ele queria dizer. Queria dizer: “Mulheres casam com homens e eu não sou um homem. Então pra que isto?” A situação, agora, era outra. Ainda assim, Paul disse a frase, e Laura foi apesar de tudo à Prefeitura, para perguntar pela data mais próxima em que se pudesse casar.

Para alívio de Paul, nem sonhando havia data para o casamento antes de quatro semanas e caso se pensasse em casar em um dia determinado, tipo Natal ou Pentecostes, aí se precisava fazer a reserva meio ano antes. A frase de Paul sobre isso era: “Parece que as pessoas casam feito moscas”. Ele não estava a fim de fazer um comentário sobre o assunto. A minha personagem acha que fez confusão com a frase: “as pessoas morrem feito moscas”. Ele estava confuso desde a experiência com sua mulher, mas feliz. Perdeu outra vez seu novo tipo de relacionamento com as mulheres, sem que soubesse se deveria entristecer-se com isto. Ele tinha frequentemente ausências durante as conversas e dava as respostas certas nos momentos errados. Ele sorria nos momentos errados e ria nos momentos errados. Afora a minha personagem e provavelmente Collie, ninguém deve ter tido conhecimento das causas disto. - Paul tinha uma nova idéia fixa: ele queria poder andar novamente, isto é, ele queria ficar completamente curado. Queria aceitar as muletas apenas como estágio transitório. Paul: “Queria poder andar sobre a superfície da terra com minhas próprias pernas e sem uma ajuda sequer.” E ele queria isto apesar de o professor, tanto agora como antes, ter-lhe acenado com uma chance (de melhora) só até os joelhos. O próprio Paul, contudo, não deu a menor chance para que o professor falasse sobre o assunto, na medida em que nada lhe contou sobre sua idéia fixa. Os pensamentos de Paul tinham o seguinte percurso: caso ocorra o milagre de eu poder dormir com minha mulher, então também pode ocorrer o milagre de eu poder voltar a andar. Além disso, Paul ainda pensou: quanto mais dormir com minha mulher, tanto mais cedo conseguirei andar. Ele estava tão enlouquecido, que se colocou um prazo, antes do decurso das quatro semanas até a data marcada no Registro Civil. Pois Paul não tinha certeza se poderia fazer algo contra uma Laura, que estava decidida a casar-se com ele. Sobretudo, não tinha certeza se queria fazer algo contra isso. Ele só tinha certeza de que não conseguia viver sozinho, mesmo que estivesse curado até os joelhos. A sua frase acerca disto era: “Talvez eu fosse um homem então, mas ainda não um ser humano.” E ele queria voltar a ser um ser humano.

O que foi ruim para Paul, foi que sua mulher precisasse partir para uma *tournée*, e ainda por cima no exterior, pior ainda, no Ocidente. A primeira escala seria em Berlim Ocidental e Paul não queria retê-la de modo algum. Ele até se dispôs a ficar com o seu menino e Laura também concordou com isso. Por outro lado, não havia ali nenhuma outra mulher para Paul - tirante Laura. Paul pensou, na sua aflição, em abrir-se com Laura. Na hora H, contudo, apesar da

¹ Excerto de Ulrich Plenzdorf. *A lenda da felicidade sem fim*. Frankfurt/Main: Suhrkamp, 1979: 306 até 315.

grande tentação ele se achou demasiado pérfido. “Mas teria confundido completamente todas as relações claras”, essa era a sua opinião.

Assim, Paul estava desnordeado e desamparado, e não sabia o que fazer consigo. Nada mais o prendia ao magazine. As garrafas vazias não o interessavam mais. Não precisava mais de garrafas vazias. Ele desembestou por Berlim, para se acalmar. Ele foi visto por toda parte. Dizia-se que Paul voltara a correr. Mas desta vez era uma corrida contra si mesmo.

Não deu para evitar que ele chegasse à fronteira. Foi na Rua dos Inválidos. Paul: “Combinou”. Entretanto, Paulo não tinha escolhido a Rua dos Inválidos. Foi puro acaso. Ele desceu a Rua Scharnhorst e não pode virar na Rua dos Inválidos, porque havia uma fila de carros com placa de Berlim diante do posto de controle. Assim é que Paul parou e olhou o movimento, tendo diante de si a Praça Koch e a Santa Casa, à esquerda o museu de História Natural, à direita o posto de controle e atrás, seguindo sempre pela Rua dos Inválidos, a ponte Sandkrug, a estação ferroviária de Lehrte, Alt-Moabit, o Jardim Zoológico, Charlottenburg, Schöneberg e assim por diante, e sua mulher. E de repente, Paul move vigorosamente a alavanca de sua cadeira de rodas, dobra à direita e passa pela fila de carros em direção à primeira barreira. Ele atravessa a barreira juntamente com um pesado Opel. Ele dá uma olhada na sentinela à direita. A sentinela bate continência e inclina amavelmente a cabeça. Paul pensa: O homem se refere ao Opel. Paul prossegue em direção ao pessoal da alfândega. Eles estão ocupadíssimos. Eles cotucam motores e porta-malas, ou enfiam espelhos embaixo dos carros. Paul pensa que não tem nada a declarar, que também não tem um motor e que qualquer um consegue ver o que está sob a sua cadeira de rodas até mesmo sem espelho. Ele simplesmente continua andando. Ele não é barrado. Pelo que dá pra ver, ninguém o nota. Mas quando ele se aproxima da segunda sentinela, vê que ela o observa e lhe acena que se aproxime. Está com pressa. Tem muito trabalho com os passaportes dos motoristas dos Opel, Mercedes, BMW e Volkswagen. Paul não dá o menor sinal de querer pegar um passaporte, porque não o tem. Mais tarde ele se dá conta que havia tocado instintivamente no bolso de cima do paletó. E a sentinela acena que se afaste, e sorri de leve e indica a Paul a faixa de ônibus e Paul sorri de volta e continua andando. Ele não sabe o que lhe está reservado, mas continua andando. Bem ao seu lado, à esquerda, estão agora os muros da Santa Casa. Depois ele vê na sua frente dois verdadeiros baluartes de concreto, entre os quais há uma abertura para um caminhão extra-largo e uma linha branca. Adiante há mais uma cancela automática, uma sinaleira com luz verde e vermelha e uma guarita para uma sentinela. À sua direita há uma coluna de concreto com um posto de observação para duas sentinelas. A abertura pode ser fechada mediante um portão de ferro de duas folhas, uma corrente e um cadeado.

Quando Paul se aproxima, o portão está escancarado, o sinal está com luz verde permanente, só a cancela está abaixada. Paul se aproxima da sentinela, a sentinela se aproxima de Paul. Ele se inclina para fora de sua janela ao mesmo tempo que se ergue a cancela. A sentinela sorri para Paul e Paul sorri de volta. A sentinela diz: “Mas fechamos depois da uma, certo? É um tenente. Paul diz: “Está certo”. Ele dá a partida. Pára em cima da linha branca. Mas a sentinela diz: “Vamos, siga! Engate uma marcha” e lhe acena para que atravesse a fronteira, porque atrás de Paul já vêm dois Mercedes, um BMW e três Volkswagen. Paul passa por cima da faixa branca e não tem tempo de registrar o que sente neste momento. Quando vê a faixa branca, ainda pensa que ou bem não consegue atravessar a faixa, ou bem a faixa irá trespassá-lo de cabo a rabo. Mas quando a ultrapassa não sente nada. É simplesmente uma faixa branca, como as há em grande quantidade nas ruas e como são diariamente cruzadas e atravessadas. Mas

Paul se lembra repentinamente de uma canção: Bem chegou a hora, de meu cavalo arrear, bem o percebo agora, é hora de cavalgar. Laralilalá e assim por diante. O chato é que não se lembre da segunda estrofe, apesar do esforço. Ele recomeça sempre com a primeira estrofe, canta o estribilho e espera encontrar o gancho para a segunda estrofe. Mas ele não consegue. O resultado é que ele não consegue tirar o estribilho da cabeça ao longo de todo o dia.

Ele se dirige à Estação Ferroviária de Lehrte, vê a primeira coluna de anúncios e prossegue o Laralilalá Laralilalá. Ele vê de relance o cartaz com o anúncio do espetáculo em que dança a sua mulher: Laralilalá. Minha personagem acha que deve ter sido a coluna da rua Heide, bem em frente à casa de Berlim onde caiu a primeira bomba na última Guerra. No cartaz também figura o nome da agência promotora. Fica na rua Lietzenburg. Paul dá a partida e pensa: Laralilalá. Não dá para evitar. À sua esquerda está, de repente, o Parlamento Alemão (o Reichstag) e depois a Porta de Brandenburgo, de um ângulo que ele nunca tinha visto. Mas ele não consegue discernir qualquer diferença. O mesmo vale para a Torre de Televisão, que ele observa mais para trás, já entre névoas. Ele se espanta, porque afinal são só dois quilômetros até lá. À sua esquerda Paul tem o Jardim Zoológico, a coluna da Vitória e atrás, também entre névoas, arranha-céus. Ele acha que para lá fica o centro. É a praça Reuter, antigamente a praça do Chanceler do Reich. Paul dobra à esquerda e segue em sua direção. Ele pensa: no centro deve haver gente a quem possa perguntar onde fica a rua Lietzenburger. No Zoológico ele não vê ninguém e quase não vê automóveis. Ele parte em direção à grande rotatória, Laralilalá, é preciso cavalgar, e então vê finalmente uma pessoa. É uma moça. Ou bem ela tem tempo, ou está esperando alguém. Ela é muito amável, quando Paul lhe pergunta pela rua Lietzenburger, e também lhe indica o caminho. Além disto ela diz: “Minha casa fica mais perto, se você pudesse me levar”.

Paul diz que não pode, porque precisa ir para a rua Lietzenburger. Ele acha a moça muito simpática, mas não entende como é que ela reconheceu que ele vinha do outro lado, porque de outro modo Paul não se explica a sua hospitalidade. Ele não tinha nenhum colante símbolo-de-nacionalidade na sua cadeira de rodas. Paul só vai descobrir que o Zoológico é o ponto das prostitutas por sua mulher.

Agora estão diante de Paul a Estação Ferroviária “Zoológico”, a ponte Charlotte e os arranha-céus da Praça Reuter. Mas ele não se dirige para a praça Reuter, mas, como tinha indicado a mocinha simpática, entra logo depois da ponte Charlotte na rua dos Faisões ao longo da Universidade Técnica, cruza a rua Kant, passa pela passagem de nível sob o trem suburbano, chega ao Kudamm, sinal verde, passa sem olhar para a direita nem para a esquerda e já está na rua Lietzenburger. À esquerda estão a Rua Joachimstaler e a praça Ranke. À direita a praça Olivaer e logo mais, bem em frente, o hotel que ele procura. Vira e pára na frente dele. Não há degraus. Na portaria lhe informam imediatamente o número do apartamento de sua mulher. Paul pode ligar logo e a sua mulher até que se encontra. Ela fica completamente estupefata. Ela diz: “Como é que pode! Como é que você conseguiu fazer isto?” E depois põe a mão na cabeça e diz: “Claro! Você é inválido!” Aí já se encontram no apartamento dela.

Paul vê imediatamente que o professor de dança não está, mas há uma cama extra-larga. Sua mulher lhe explica que o professor de dança fez questão de ter o seu próprio apartamento. Como esportista de alto desempenho, ele é radicalmente contra relações sexuais durante as competições e exige o mesmo dela. Ela diz: “Em verdade é hora de dormir - mas sozinha.” Paul, contudo, só ouviu o “em verdade”. Ele abre a sua cadeira de rodas e se deixa rolar sobre a cama, puxando sua mulher consigo.

Paul permanece junto dela até muito depois do anoitecer.

Por volta da meia-noite ele fica inquieto. Ele pensa na sentinela do portão de ferro e na corrente com o cadeado. Quer voltar. Não quer ser tomado por desaparecido. Quer voltar. Além disto sua mulher precisa seguir para Düsseldorf logo depois da competição. Ela pergunta a Paul se ele também vai para Düsseldorf, no fim das contas. Ela acha que ele é capaz de tudo. Ele também se acha capaz de tudo e ousa mais que nunca. Ele ousa, por exemplo, sair da cama sozinho e meter-se em sua cadeira de rodas. Mas isso passa da conta. A cama é mais baixa do que a cama na Scheibe Süd e Paul cai e se machuca.

Dói-lhe tudo, e não só o peito e a barriga: as cadeiras, as coxas e seus joelhos. No início Paul não entende nada. Só tem raiva. Ele pensa que são dores imaginárias. Sua mulher o observa estendido no chão. Ela não o ajuda. Paul não lhe diz nada, mas ela sabe que não deve ajudá-lo.

Paul a chama para junto de si: é para ela beliscar suas coxas. Ela se aproxima e o faz e Paul grita de repente. A dor foi mínima, mas Paul grita de alegria. É a dor mais bonita que ele jamais teve. Paul quer que sua mulher o ajude a ficar de joelhos. Ela o faz. Ela própria se ajoelha e o ajuda a se levantar. Paul se ajoelha. Entretanto ele sabe que ela mais o sustenta do que ele se agüenta sobre os joelhos. Ele diz: “Me largue.” Ela o faz e Paul cai. Ela o ajuda novamente a se levantar e o sustenta novamente. Paul abraça-a e seus olhos se enchem de lágrimas contra a sua vontade. Ele chora de alegria. Ele já sabe que vai conseguir, mesmo que sua mulher voe para Düsseldorf. Naquele segundo ele decide firmemente que quando conseguir ficar de pé de novo, e quando puder andar, irá a uma escola de dança, para aprender todas as danças que existem, também a clássica, e até as danças que nem existem ainda. Sua mulher também chora. Ela se oferece a abandonar tudo para ficar com ele. Mas Paul a manda para Düsseldorf. Ele só permite que ela o ajude a subir na cadeira de rodas e a levar de novo até a porta. Paul agarra imediatamente as alavancas. Ele percorre o mesmo caminho de volta. É também no caminho de volta que ele avista um dos corações que pintou na porta de Paula na Singer. Está no meio da rua dos Faisões, bem atrás da Escola Superior de Artes e Ofícios. É verdade que não é bi-color, mas bem que tem as duas metades desiguais inventadas por Paul. Mas Paul não tem muito tempo para se deter. Ele precisa cantar de novo. Laralilalá Laralilalá, eu me decidi, meu cavalo etc. Ele não se lembra de novo da segunda estrofe. Ele se encontra novamente diante da grande rotatória. Ele também avista de novo a Torre de Televisão e a Porta de Brandenburgo. Estão iluminadas. Ele também vê que agora à meia-noite é bem diferente do que à tarde, no Zoológico. Bem mais animado. Lá tem até mesmo um quiosque de salsichas aberto. Mas Paul não liga pra ele. Ele quer mais é chegar à fronteira. Na grande rotatória ele se perde. O desvio lhe custou quinze minutos. Ele chega ao portão de ferro. O portão está fechado. Paul se encontra diante de duas possibilidades. Ou ele volta para sua mulher, ou bate à porta. Ele se diz: Sempre posso voltar; vou tentar primeiro bater à porta. Coloca-se de lado com respeito ao portão e bate com o punho de modo a produzir um barulho retumbante. Bate duas, três vezes, mas nada se mexe. Paul bem que vê as sentinelas no posto de observação, e elas o vêem também e Paul lhes acena, mas elas não se mexem. Paul volta a bater. Seu amor próprio desperta. Ele quer saber, agora, se poderá voltar para casa ou não. Isso é tudo. Ele só pensa nisso. Paul bate intermitentemente durante mais ou menos meia hora, e aí há movimento atrás do portão, e uma folha se abre lentamente e a cancela se ergue. Paul passa pelo portão. E conta com a sentinela e espera por uma palavra. Mas não acontece nada. Não há luz na sua guarita. Paul também está pouco ligando. Paul “Eu estive lá dentro, aconteça o que acontecer.” Ele segue em direção à guarita seguinte. Ouve como atrás de si o portão é trancado

novamente. O cabo de aço do posto seguinte, que costuma estar esticado para impedir a passagem não-controlada de automóveis, está arriado, assim como o cabo no posto alfandegário.

Diversas pistas estão muito iluminadas, mas não se vê ninguém e nenhuma sentinela. Paul aciona vigorosamente as alavancas e move a sua cadeira de rodas por cima do cabo em direção à última cancela. A cancela está abaixada. Quando Paul freia, ela sobe e Paul, com dois impulsos mais, está definitivamente dentro. Ele não viu a sentinela de novo. Sua guarita está escura. Paul pensa: Será que o posto de controle todinho é monitorado 'a distância a esta hora? Mas isso não o interessa realmente. Diante dele está novamente o Museu de História Natural e a rua Chaussee. Tudo está calmo, não há viva-lma e está meio escuro, e Paul respira aliviado.

(trad. Suzi Frankl Sperber)